

A única solução para o Brasil: crescer.

No discurso que fez aos banqueiros norte-americanos, na Câmara de Comércio Brasileiro-Americana, o presidente da Fiesp sugeriu a redução da transferência de recursos para o Exterior, como única forma de fazer o País crescer e de diminuir a tensão social. Ao fazer a proposta aos empresários norte-americanos, Luiz Eulálio Vidigal fez questão de dizer que não se colocava como representante do governo, mas, sim, de grande parte do empresariado nacional que, segundo ele, está preocupado com o agravamento do quadro social.

Vidigal começou fazendo um retrospecto da economia brasileira nos últimos anos, lembrando que o País sustentou seu crescimento, até 1980, utilizando a poupança internacional a taxas de juros reduzidas. Depois, essa fórmula esgotou-se: "A política norte-americana de combate à inflação, ao elevar a taxa de juros a níveis absurdamente elevados, deprimiu os preços dos produtos brasileiros de exportação".

A partir daí, relatou, o Brasil foi forçado a fazer uma série de ajustes para poder continuar honrando seus compromissos. Ele destacou que, entre esses ajustes, alguns foram bem-sucedidos, como o esforço para inverter a balança comercial que, pelos dados que apresentou no pronunciamento, saiu de um déficit de US\$ 2,8 bilhões em 1980 para um superávit que este ano deve atingir US\$ 12 bilhões.

Mas, apesar de bons resultados na área externa, continuou o presidente da Fiesp, o País está produ-

zindo menos: "O produto caiu 3,9% entre 1980 e 83, a renda per capita 11% e o produto industrial 15%. Estima-se que hoje existam oito milhões de desempregados e subempregados, 15% de uma força de trabalho que cresce a quase 3% ao ano. Num país onde não há seguro-desemprego, o quadro não pode-se agravar sob pena de arriscarmos a estabilidade social.

Segundo Vidigal, as projeções da Fiesp indicam que o País poderá crescer 2,8% em 85 e 3,3% em 86, "números insuficientes para aliviar a tensão social. Eles significam que em 85 teremos nove milhões de desempregados nas ruas e dez milhões em 86. Crescer, e crescer aceleradamente, é a única forma de reverter esse quadro".

O líder empresarial disse ainda que não tem dúvidas de que o Brasil já esgotou seus esforços de ajustamento. "A economia brasileira apresenta condições de crescimento sem a realização de novos investimentos. Mas essas condições esbarram na questão do volume de recursos a serem transferidos para o Exterior. Para não agravar o quadro social, a economia brasileira precisa crescer no mínimo a 7%. Na minha opinião e na do empresariado industrial do meu país, isso só será possível se houver uma redução na velocidade de transferência de capital para o Exterior. E os empresários brasileiros temem que, se não houver perspectivas imediatas de retomada do crescimento, poderão ocorrer rupturas sócio-econômicas de consequências imprevisíveis."